



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de entrega da Ordem do Mérito Cultural 2010**

**Rio de Janeiro-RJ, 02 de dezembro de 2010**

Meu caro companheiro e amigo, governador do estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral. Eu quero, Sérgio, aproveitar este momento em que a Bia Lessa quase me mata do coração, e dizer para você que o que você está fazendo no Rio de Janeiro neste momento, de devolver a cidadania ao povo trabalhador, ao povo honesto, às mulheres, às crianças, aos estudantes, às pessoas de bem deste estado, será marcado na vida do estado do Rio de Janeiro e do Brasil. Muito obrigado por não negociar com aqueles que não merecem complacência do Estado.

Quero cumprimentar o companheiro Eduardo Paes, prefeito desta cidade, que tem a oportunidade extraordinária que mostrar que é possível recuperar a cidade do Rio de Janeiro, recuperar a beleza que Deus nos deu mas, sobretudo, recuperar o orgulho do povo carioca de voltar a dizer que é carioca.

Quero cumprimentar um só ministro dos tantos ministros que me acompanham aqui, o companheiro Juca Ferreira. Em nome do Juca, eu quero cumprimentar todos os companheiros. Eu queria, Juca, dizer para você que quando você foi anunciado, eu vi um grupo de companheiros gritando: “Fica, Juca!”, “Fica, Juca!”, “Fica, Juca!”. É uma pena que a companheira Dilma não está aqui para ouvir as pessoas gritarem “Fica, Juca!”, “Fica, Juca!”, “Fica, Juca!”. Eu lembrei, Juca, da despedida do Pelé, no Maracanã, com a camisa da Seleção brasileira, coisa que eu nunca tinha visto: cem mil pessoas no Maracanã gritando para o Pelé “Fica, fica, fica, fica”, e ele tinha tomado a decisão de parar de jogar futebol. Eu, Juca, não sei se você fica, mas eu quero te dizer que, do fundo do coração, eu agradeço eternamente o fato de tê-lo tido



como meu ministro da Cultura no segundo mandato que eu exerci na Presidência da República.

Quero agradecer aos agraciados. Eu vi tanta gente amiga, tantos companheiros aqui recebendo o prêmio, que eu pensei em rasgar o meu discurso e não ler nada. Eu deveria ter vindo aqui, ter um prêmio que o Juca não me deu para entregar para a Bia, agradecer à Bia, dar um beijo nela, porque eu, há muito tempo, não sentia a emoção que eu senti hoje e não via um espetáculo tão deslumbrante quanto este que a Bia promoveu aqui hoje. Portanto, querida companheira Bia, nós estamos devendo um prêmio para você. Eu, se pudesse, tomava um do Juca, aí, e te daria, mas eu não tenho como tomar, o Juca está ali em cima, eu estou aqui embaixo.

Eu queria, companheiros e companheiras, dizer para vocês que estou a menos de 30 dias de terminar o mandato, e eu acho que o que aconteceu no Brasil foi um pouco repassado pela Bia. Nós recuperamos o gosto, o prazer de ser brasileiros. Nós perdemos a vergonha, nós perdemos a vergonha de ser como nós somos. Eu lembro que, num momento difícil da campanha política deste ano, teve um ato cultural no Teatro Casa Grande para a Dilma, e o Chico Buarque, na sua genialidade, disse: “Eu gosto deste governo porque ele não fala fino com os Estados Unidos e não fala grosso com a Bolívia”. Eu achei, meu caro Sérgio Cabral, essa frase genial porque ela sintetizava o momento que nós estávamos vivendo no Brasil, e eu aprendi que a sabedoria do povo brasileiro, a grandeza do povo brasileiro está na sua genialidade.

Eu queria contar dois casos para vocês, para parar de falar, e não falar do Darcy, não falar do Leonardo Boff, não falar de Carlos Drummond de Andrade, que estão todos no meu discurso. Eu queria apenas dizer o seguinte: eu tomei posse na Presidência da República no dia 1º de janeiro de 2003, e em junho o presidente Chirac me convidou para ir a Evian. Era a primeira vez que um presidente do Brasil iria participar do G-8. Eu cheguei em Evian, a cidade toda cercada de arame farpado... eu não sei por que o G-8, que é tão



importante, eles se acham tão bons, é obrigado a fazer reuniões tão cercadas, porque quando a gente quer fazer o bem, você faz em qualquer lugar. O mal é que você faz cercado, em reuniões distantes, em que o povo não tem acesso. Mas eu cheguei lá, entrei numa sala e estávamos esperando chegar todos os presidentes de República. Já tinha chegado o Chirac, tinha chegado o Tony Blair, tinham chegado outros primeiros-ministros e presidentes, e faltava o Bush. Eu estava sentado a uma mesa junto com o Celso Amorim quando entrou o presidente Bush. Quase que num passe de mágica, todo mundo se levantou. Eu peguei na mão do Celso e falei: nós não vamos nos levantar, nós não vamos nos levantar. Por uma... Não era orgulho, não, é que ninguém tinha se levantado quando eu entrei. Por que é que a gente tinha que se levantar para o presidente dos Estados Unidos? E ficamos sentados. E o Bush, humildemente, foi à mesa em que eu estava – Celso Amorim, eu e Kofi Annan – e nos cumprimentou, igualzinho cumprimentou os outros. Eu falei: valeu a pena a gente não demonstrar pequenez, valeu a pena a gente não se rebaixar.

Aí fui para uma reunião. Cheguei na reunião, tinha uma mesa importante – estava o Koizumi, do Japão; estava o Tony Blair, da Inglaterra; estava o Bush, dos Estados Unidos; estava o Putin, da Rússia; estava o Rei da Arábia Saudita, e outros presidentes importantes que estavam lá – e eu em pé, sem falar uma única palavra... O Fox, que era o único com que eu podia falar “*buenos días, buenas noches, compañero*” estava longe, e eu não podia falar. E eu estou lá, olhando a cara daquelas pessoas tão importantes, e eu falava: puxa vida, eles não me entendem, eu não entendo... Tinha um companheiro meu que falava assim: “Ô Lula, será um sucesso extraordinário se você aprender algumas palavras em inglês e você aparecer na televisão falando algumas palavras em inglês”. Eu dizia para esse companheiro: eu nunca me importei que eles não falassem português. Ou seja, cada um no seu mundo, cada macaco no seu galho. É melhor.

Aí, eu estava lá agoniado porque todo mundo olhava para a cara de todo



mundo, eu parecia um bicho estranho que estava ali. Aí eu me dei conta de por que eu estava sendo notado. É porque eu era, meus queridos companheiros, meu querido Sérgio Cabral, o único diferente ali. Eu era o único que tinha vindo de um mundo em que eles não tinham vivido. Ah, estava lá meu amigo Hu Jintao, estava meu amigo primeiro-ministro da Índia. Eu falei: sabe de uma coisa? Eu vou mostrar firmeza aqui porque nenhum deles tem a experiência que eu tenho na convivência com o povo pobre do seu país. Eu vou ser mais eu aqui. E aí botei aquele negócio aqui no ouvido, aquele interfone, falei grosso... Eu tenho um intérprete, que você conhece, que é o Sérgio Ferreira, que consegue dar mais emoção do que eu falando de verdade...

Bem, eu venci a minha primeira etapa internacional. Foi... Voltei para o Brasil com um alívio, com a sensação de ter vencido, e preocupado porque a imprensa brasileira se preocupava que eu não falava inglês e eles achavam que eu não podia governar o Brasil. Eu falei: passei no primeiro teste. Não preciso falar inglês para governar o Brasil, não preciso falar inglês para governar o Brasil.

A outra coisa, Sérgio, importante que aconteceu na minha vida foi na primeira reunião do G-20 para discutir a crise econômica. Eu imaginei que eu ia chegar em Pittsburgh e ia ter um monte de sábios dizendo o que a gente tinha que fazer para evitar a crise do *subprime*, que era uma crise oriunda dos países ricos, da incompetência deles, da irresponsabilidade deles. Países importantes como Estados Unidos, como Alemanha, como Inglaterra, todos estavam em crise e eu imaginei: não tem problema, essa gente não fica em crise. Em crise fica o pobre. Rico, quando fica em crise, dá calote no banco e a crise acaba. Pobre é que tem que pagar porque vai para o Serasa, ele tem que... fica com o seu nome sujo na praça. E eu, inquieto, achando que eles iam apresentar uma solução para a crise que o Brasil e o mundo estavam vivendo.

Aí eu cheguei lá, ousei dizer, ousei dizer que no Brasil não tinha crise. Eu disse: olhe, nós não temos crise, essa crise é um pequeno barulho que está



acontecendo aqui; porque aqui pode ser um tsunami, no Brasil vai chegar uma marolinha, nós vamos resolver, nem prancha vamos precisar utilizar. Nós vamos resolver na metodologia do economês que aprendemos na USP, na Unicamp, na Fundação Getúlio Vargas, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, nós temos economistas de sobra para isso. Eu fiquei surpreso porque eu me dei conta de que aqueles homens sábios, que apareciam na televisão dando palpite sobre o Brasil, eles não tinham noção de como resolver o problema da crise deles. Veja que o governo americano demorou sete meses para resolver o problema da indústria automobilística. Nós resolvemos o nosso em sete dias. Veja que até hoje eles não resolveram o problema dos bancos e nós resolvemos o nosso no ano passado.

Por que eu estou dizendo isso? Porque, Bia, nesse trabalho fantástico que você fez, você mostrou uma coisa, que se eu um dia tiver que fazer uma palestra em qualquer lugar do mundo e alguém perguntar “Ô Lula, por que o teu governo teve sucesso?”, eu vou dizer: porque nós fizemos o óbvio. O óbvio é a única coisa que um governante tem que fazer. Inventar é para cientista, não é para governo. Governo faz, governo faz, realiza aquilo que a vontade do povo quer. O que você mostrou aqui, Bia, nesta montagem extraordinária, fantástica... eu nunca vi nada igual. Eu estava ali naquela tribuna, eu vi... não sei se é ali ou aqui, eu aqui estou meio perdido, eu sei que tem uma tela aqui na minha frente. Mas o dado concreto é que eu estava ali e eu estava vendo... o Juca parecia que estava no meio da água, no meio da floresta. Se eu não fosse um cara que conhecesse o Juca, eu pensava que era uma pessoa do além, nas nuvens. Eu nunca tinha visto nada igual.

Mas a coisa mais importante que você mostrou, Juca, quando você homenageou aqui o Tinoco, Juquinha... eu acordava às 6h da manhã, em 1960, para trabalhar, ouvindo a música do Tônico e Tinoco, você acredita? Acordava ouvindo eles cantarem a verdadeira música caipira deste país.

Então, o que vocês conseguiram mostrar, Juca, com esta premiação, o



que vocês conseguiram mostrar com tudo o que eu vi aqui foi que vale a pena, Juquinha, a gente ter orgulho de ser brasileiro, a gente ter orgulho de ser feio, de ser bonito, de ser preto, de ser branco, de ser índio, de não ser índio. Mas vale a pena a gente acreditar em nós mesmos. Nem, nenhum povo consegue vencer se não acreditar em si próprio.

E o que nós vimos aqui foi isso, foi uma demonstração extraordinária do que significou para nós o Darcy Ribeiro, uma coisa extraordinária. A pessoa de quem eu tenho mais inveja no mundo é do Vinicius de Moraes. Como ele soube viver! Eu tenho vergonha de não ter a coragem de viver como viveu o nosso querido Vinicius de Moraes. “Deixa a vida me levar” escreveu o Zeca Pagodinho quantos anos depois que o Vinicius deu aquela demonstração de sabedoria de vida.

Então eu queria, Juca, dizer para você que este é o último prêmio de que eu participo, o último Mérito Cultural. Mas mesmo que não fosse o último, Juquinha, teria valido a pena, meu caro, porque foi excepcional a escolha, foi excepcional a produção e foi excepcional, Juca, conviver contigo todos esses anos. Primeiro como secretário-executivo do nosso querido Gilberto Gil, e depois ter você como ministro da Cultura. Eu tinha dúvida se o Juca ia ser ministro da Cultura. Aí, no final de 2006... 2005, o Juca apresentou um programa chamado Mais Cultura. Eu achei tão extraordinária a apresentação, que eu falei para o Gil: Gil, se você sair, eu já tenho o sucessor, é o Juca Ferreira.

De coração, Juca, muito obrigado por tudo o que você fez pela cultura brasileira e, certamente, por tudo o que você vai continuar fazendo, independentemente de você estar no Ministério, porque homens como você não precisam de cargo para fazer as coisas pela cultura e por este país.

Muito obrigado a todos vocês. Parabéns, Rio de Janeiro. Parabéns, Sérgio Cabral. Parabéns, Juca Ferreira.

(\$211A)